

**A PERSPECTIVA DA NOIVA DO ANJO AMERICANO: OLHARES SOBRE A
PERSONAGEM FEMININA DE LUIZ GUTEMBERG**

SILVA, Nathália Pereira¹

Universidade Estadual de Alagoas-ProDic
nathliapereira@outlook.com

RESUMO: O presente trabalho tem como finalidade abordar um olhar perante a mulher nordestina como um ser de repressão social e vítima de abusos sofridos diante da sociedade a partir de uma personagem abordada no romance *O Anjo Americano* do autor Luiz Gutemberg. A partir da perspectiva de violência e repressão dessa mulher, falaremos de seu assassinato e os motivos possíveis de sua morte, para isso, teremos como ponto inicial o discurso da violência alagoana de imposição de padrões às suas mulheres, modos de vida que podem resultar em determinadas consequências. A mulher nordestina, mesmo que com diversos estereótipos construídos, possui suas próprias individualidades, e a nossa personagem, em especial, é vítima de repressão. Não estaremos portanto traçando um perfil da mulher nordestina como uma generalização, mas pontuando uma particularidade de um crime ficcional criado pelo autor alagoano que descreve práticas locais como modo de denúncia de cunho social. Para definir nossas abordagens teóricas, temos autores como Candido (1968) que pontua o personagem de ficção como elemento de total relevância para a obra ficcional; Barros (2015) com as conceituações de Nordeste e o comportamento desse universo de valores peculiares; Bomfim (2007) nos ajudando a compreender detalhes da literatura alagoana e seus principais elementos.

PALAVRAS-CHAVE: Nordeste; Literatura Brasileira; Alagoas; Luiz Gutemberg.

ABSTRACT: The aim of this study is to examine the northeastern Brazilian woman as a being of social repression and a victim of abuse suffered by society from a character discussed in the novel *The American Angel* by author Luiz Gutemberg. From the perspective of violence and repression of this woman, we will talk about her murder and the possible reasons for her death, for this, we will have as a starting point the Alagoan violence of imposing standards on its women, ways of life that can result in Certain consequences. The Northeastern woman, even if with different stereotypes built, has her own individualities, and our character, in particular, is a victim of repression. We will not therefore be tracing a profile of the northeastern woman as a generalization, but punctuating a peculiarity of a fictional crime created by the Alagoan author that describes local practices as a mode of social denunciation. To define our theoretical approaches, we have authors such as Candido (1968) who characterizes fiction as an element of total relevance to the fictional work; Barros (2015) with the conceptualizations of Northeast and the behavior of this universe of peculiar values; Bomfim (2007) helping us to understand details of Alagoas literature and its main elements.

KEYWORDS: Northeast; Brazilian literature; Alagoas; Luiz Gutemberg.

¹Aluna do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura- PRODIC pela Universidade Estadual de Alagoas, Campus Arapiraca.

Email: nathliapereira@outlook.com / Contatos: (82) 99950-3609 ou (82) 98167-3733

Introdução

O *Anjo Americano*² é um romance escrito por Luiz Gutemberg. A obra em questão relata o assassinato de uma personagem de grande importância para o enredo, a Judite Haziot. Essa personagem possui o foco principal da narrativa do romance, pois, a partir da sua morte, os acontecimentos ganham proporção. Porém, um fato de grande importância para a nossa abordagem está na construção da personagem morta. Seu comportamento sugestivo indica a sua morte como consequência de suas atitudes. A nordestina, alagoana, que mora no Rio de Janeiro, em um bairro de classe alta deveria por algum motivo esconder algum segredo de grande importância e não é concebível que uma matuta de vida desregrada, viva em uma sociedade de grandes posses e valores, numa região importante do seu país.

O autor da obra, Luiz Gutemberg, nasce em Maceió em 1937 e viveu em Brasília desde 1970. Por ser jornalista, seus romances trazem suspense e jogos de valor que possibilitam um apogeu na leitura, discute em *O Anjo Americano*, traços de vivência alagoana no período de grandes conflitos políticos e dominação do comércio do açúcar.

Entendendo o papel da representação da mulher nordestina em uma realidade deslocada da vivência religiosa e submissa aos tradicionalismos, faremos uma abordagem percebendo em Judite outras formas de construção da mulher alagoana mediante os processos de consciência do papel e comportamento do lugar dessa nordestinidade feminina, agora ressignificada em outros padrões e perspectivas comportamentais para a mulher e suas práticas sociais.

O papel da personagem fictícia

A personagem de ficção é um dos elementos de maior importância para a criação de uma obra romanesca. Ela possibilita que a narrativa se desenvolva com continuidade e coerência, de modo que, durante todo o desenrolar do enredo, a narrativa não se perca. A personagem é um elemento que ajuda a ficção a ganhar proximidade com o real, de modo que, será a personagem um dos responsáveis em tratar da ficcionalidade de um texto e possibilitar sua verossimilhança. Tendo posto isso, podemos pensar que a caracterização de

² Ao tratar de citações do romance, apenas citaremos o número da página, pois a repetição é algo desnecessário.

uma personagem que se pontua enquanto uma personificação regional estabelece uma estereotipação mediante essa região.

Ao formar uma consciência de maturidade regional, a Escola de Recife cria uma onda de romances regionais, e o regionalismo nordestino ganha vez sendo implementada uma voz à região nordeste, uma persistência de ser abordado em romance temáticas de seca, sertão, fatos marcantes na história do nordeste, a religião, os tipos humanos presentes na constituição desse povo.

O seu regionalismo parece fundar-se em três elementos, que ainda hoje constituem, em proporções variáveis, a principal argamassa do regionalismo literário do Nordeste. Primeiro o senso da terra, da paisagem que condiciona tão estreitamente a vida de toda a região, marcando o ritmo da sua história pela famosa “intercadência” de Euclides da Cunha. Em seguida, o que se poderia chamar patriotismo regional, orgulhoso das guerras holandesas, do velho patriarcado açucareiro, das rebeliões nativistas. Finalmente, a disposição polêmica de reivindicar a preeminência do Norte, reputado mais brasileiro, onde abundam os elementos para a formação de uma literatura propriamente brasileira, filha da terra (CANDIDO, 1975, p. 299).

Para a elaboração de um romance completo, a ficção necessita de uma personificação autônoma e de grande repercussão que são as personagens fictícias. Nessa construção cada escolha proporciona uma personagem de maior solidez, as escolhas entre as características, comportamentos e enredo, ao planejar, dialogam em consenso e produzem um bom desenvolvimento da narrativa. Podemos dizer então que a verossimilhança da personagem é uma concretude das escolhas, combinações e somas de realidades que o autor escolhe, porém, não se completa em total realidade, mas está construída para uma ficção, uma representação da realidade.

A personagem é um ser fictício, -expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização dêste (CANDIDO, 1968, p. 55)

Estamos então na produção literária alagoana, apesar de sua pequena geografia, uma enorme qualidade literária desde seus primeiros escritos, que estavam vinculados aos

textos religiosos. Os escritores de Alagoas produziram bons escritos, de modo que “poetas como Guimarães Passos, José Maria Goulart de Andrade, Tito Barros e Jorge de Lima estão entre os grandes nomes da poesia brasileira” (BOMFIM, 2007, p.19) citaria ainda Graciliano Ramos, Lêdo Ivo, entre tantos outros.

A diversidade de produções que se estabeleceram durante os anos foram reflexos de diversas vivências, processos de colonização, trocas de valores, períodos históricos, personalidades, espaços físicos, concepções de mundo. Encontramos romances de investigação, assassinato, morte, histórias de amor, religião, críticas políticas, questões raciais, personagens locais, uma diversidade de escritores que dedicaram a escrever Alagoas. O autor é então um porta-voz que provoca o leitor a questionar e refletir os posicionamentos por ele abordados como provocação de mundo e perspectiva de vida. São delegadores de consciências e trazem em seus escritos escancaramentos a serem pensados.

A influência para produzir ambientes comportamentais, características que componham um perfil e um plano de escrita, fazem com que o autor construa um personagem de acordo com suas necessidades. Essa é uma das grandes maleabilidades na construção do personagem fictício. Ele surge como depósito de necessidades da criação e é através dele que o universo ganha forma. A personagem vai possibilitar a estabilidade da narrativa e a partir dele estarão os significados, valores e expressões significativas. A personagem ganha identidade, um lugar de visão específica e vida.

De modo que, a vida do personagem muitas vezes se torna maior que o próprio criador, por exemplo, quem não conhece as afeições de Capitu, seus olhos oblíquos? Mas, em determinado momento, não saberia descrever o olhar de seu autor, Machado de Assis? Ou, se faz um questionamento sobre o atrevimento da Emma Bovary em sua traição dissimulada, mas desconhece Gustave Flaubert. Dentre outros tantos personagens que perpassam seu autor.

Queremos com esse pensamento afirmar que a categoria da narrativa em questão não é apenas um elemento obtuso, mas ela ganha proporções inimagináveis. Geralmente, o personagem é visto como um espelho que o autor projeta um perfil que faz parte de um contexto, dentre tantos e é visto como um reflexo de um dado momento político, um meio de convívio e comportamento social, classe, sexo. Existindo pertencimentos e exclusividades para cada item.

A mulher nordestina

As apresentações da mulher no nordeste em algumas perspectivas históricas perpassam através da resistência, força, caráter e religiosidade. Em vários lugares de persistência da mulher, entendemos que ela se adequou ao seu meio para sobreviver as adversidades encontradas, principalmente, em períodos de dificuldade, que não se adequaram ao ócio e passaram a trabalhar. Também, quando em determinados momentos as mulheres se sentiram agredidas, revidaram com a violência e a coragem de defender seu próprio corpo e espaço. Ou seja, a mulher nordestina representa a adaptação do ser feminino a partir das necessidades.

A mulher sertaneja é a provedora da família, de toda a condição da honra, respeito, a dignidade. Está como uma representatividade de um povo, “ela é o padrão social utilizado para se classificar a família” (BARROS, 2015, p. 230). Conheci muitas mulheres sertanejas que estiveram bem além das famas familiares relacionadas ao sexo. Mulheres que não precisaram honrar seus maridos pois definitivamente, eles próprios se destruíram. Então sozinhas, trabalharam para a manutenção da casa e da família. A mulher sertaneja é uma mulher que ultrapassa as perspectivas da subordinação, da sexualidade e vitimismo.

Estamos falando da mulher que possui a força da ultrapassagem, que luta contra a seca, as perspectivas, a violência e as dificuldades. A mulher sertaneja é a mulher dos rompimentos, da resistência. A mulher com M maiúsculo. Não estamos nos referindo aos processos religiosos, apenas nas propostas de padrões sociais que tentam fazer a mulher enquanto objeto ou posse de um homem. O que de fato poderia ser um debate oportuno, mas a religiosidade é assunto para outro momento, visto que, a personagem que queremos detalhar, rompe com a religião, padrões sociais e apenas vive suas próprias escolhas.

O nosso romance em análise trata de traçar o perfil da mulher nordestina que vai sair de sua cidade Maceió e vai morar no Rio de Janeiro e lá é assassinada. Defenderemos então um ponto de vista que faz um traçado de uma personagem que foi criada por um alagoano que não tinha desse modo uma visão da mulher sertaneja enquanto uma personificação de fato da nordestina. Suas escolhas para a construção dessa personagem partiram de um pressuposto elitista dos estados brasileiros que pensam a mulher do nordeste como um símbolo sexual, ainda com resquícios do escravismo, momento que a

mulher escrava servia apenas para o trabalho e saciar os desejos sexuais de seus donos. Um pensamento totalmente contrário a visão nordestina da mulher, que em muitos momentos passa a assumir um papel avesso aos incentivos da sexualidade promíscua.

O período de escrita do romance se passa durante o ápice dos engenhos em Alagoas, momento que pontua uma repressão negra, exploração da geografia local e da população, além de violência.

Sabia que a região era dominada pelos produtores de açúcar, ricos donos de extensos canaviais onde a escravidão negra havia sido substituída por um regime de submissão das populações às poucas famílias de grandes proprietários rurais (GUTEMBERG, 1995, p. 35).

A representação da mulher do sertão do nordeste se dá através de continuidades culturais, e que, em algum momento da história se perdeu nas relações de cruzamentos entre culturas. As implicações que nos levam a refletir sobre o papel da mulher enquanto um objeto construído avulso aos seus próprios desejos se perde quando sua atitude muda de perspectiva e passa a ganhar novos modos sócio-históricos. A mulher nordestina passa por um processo de repressão e exclusão, abusos e violência. Antes de conseguir liberdade de expressão e autonomia, a mulher nordestina esteve incorporada na dominação religiosa e masculina.

Na literatura, a mulher nordestina é descrita em suas vivências e personalidades, estão na ficção relatadas tal quais os processos históricos. Traçando caminhos distintos, as mulheres alagoanas estiveram diante de incorporações de autodefinição pessoal, passaram a escolher seus comportamentos, seus direitos e quais lugares devem assumir no convívio social.

Entendamos então que um perfil a ser descrito em nosso trabalho parte de mulheres nordestinas que são sertanejas e alagoanas, uma personificação que se atribui que passa a definir comportamentos a partir de fatos sociais que ocorreram em uma construção de identidade de uma personagem. Além de escolha pelo Nordeste, o Sertão, Alagoas, uma mulher pobre e que possui comportamentos avessos aos padrões da época, uma mulher que agora passa então a morar no Rio de Janeiro e mesmo noiva de um americano, faz sua despedida de solteira com as regalias de uma despedida. Jantar, bebida, sexo, risos e música. Detalhes de escolha do autor para explicar as penalidades que essa personagem sofre com seu assassinato misterioso.

A Judite do Anjo

Mulher alagoana, comportamento muito além do incomum, possui suas peculiaridades individuais. A personagem Judite Haziot, nossa principal abordagem é noiva do Anjo americano, o também personagem Timothy Joseph Duncan. À espera de seu noivo, a personagem faz uma despedida de solteira e seu convidado, após uma noite de bebida, sexo e comida, comete o assassinato. “-Vai ser uma noite do balacobaco. Despedida de solteira, menina” (p.17). A morte da nossa personagem passa então a ser um enigma.

Seria essa morte uma saída para a profana mulher nordestina que ignora seu destino religioso e beato e passa a viver os prazeres carnais, de modo que sua morte simbolize um fim para os seus pecados de orgias, e possa dar a dignidade para a simbologia das mulheres, ou quem sabe, um crime de encomenda, fato muito recorrente na região de onde veio essa nordestina, ou ainda mais, um crime de vingança, por algum fato outrora praticado pela mesma. Sugestões não desvendadas. Mas uma certeza seria absoluta, “quem matou Judite Haziot iria matá-la onde quer que ela estivesse” (p. 25).

Judite não era um fato isolado de morte ou desaparecimento misterioso, juntamente com suas amigas, mulheres com o perfil parecido, desligadas de alguns padrões sociais, receberam destinos estranhos e parecidos.

-A cada festa no clube –contou o gerente do Fênix –sentia a ausência de uma ou duas das meninas da turma da Judite Haziot e sempre me contavam uma história esquisita. Quando houve esse crime, somei tudo e estava achando estranho que as investigações ainda não tivessem chegado por aqui (p. 65).

A Isabel Porciúncula, cujo apelido era Isa Meu-Bem, foi ser freira em um convento em Bonfim, na Bahia. Logo ela, a amiga da Judite que era “a mais espevitada” (p. 66), a menina que ousava com todos os padrões sociais de comportamento na cidade, era a que abusava em decotes, bebidas e nas trocadelas de carinho com seus namorados. Era uma mulher que não se prendia a moldes, impressões sociais e estava confinada agora nas leis da Eucaristia. Comportamentos opostos resultaram na vida das amigas de Judite Haziot, todas as meninas da “má fama” (p. 69), Zaida, Otília, Rosita, Ivone, Maria Laura agora

esquecidas e sem nenhum tipo de aparição pública. A única que continuou em aparições, fora assassinada.

As feministas do lugar, essas mulheres sumiram e chegaram ao esquecimento. Um tipo de repressão pela personalidade de cada uma. “Nem mesmo se podia dizer que as moças tivessem sofrido os efeitos da má fama adquirida por terem freqüentado o uso. Era assunto sobre o qual havia baixado um total esquecimento na memória coletiva da cidade” (p. 69). Maceió estava então com um mistério em seus ares. Um fato difícil de ser entendido, visto que a violência e a prostituição era um ponto de grande prestígio aos homens ricos da região, demonstrava domínio, e que essa repercussão gerou até um sindicato. O Sindicato da Morte. Homens que aparentavam boa postura, porém com uma violência inconcebível. Para saciar seus desejos sexuais e vingança.

O americano sofreria grande decepção. A começar pelo biotipo. A aparência física e a conversa dos homens do Sindicato da Morte não correspondiam nem de longe à maldade de que são capazes e menos ainda à audácia de seus crimes.

-Em geral, falam manso, parecem cordatos, vestem-se com elegância, mandam os filhos estudar no Rio e, ultimamente, até nos Estados Unidos, em Baton Rouge, na Lousiana, onde há plantações de cana-de-açúcar com avançada tecnologia. Gostam de casar as filhas com bacharéis e formar os filhos em química e agronomia.

-Se ao menos vestissem aquelas fantasias dos cangaceiros de Lampião – ironizou dona Aracy (p. 91).

Encomendam mortes, fazem valer sua própria lei. E todos estavam em patamar de submissão a eles e suas regras. Sendo assim, Judite mesmo em outro estado era prisioneira da sua terra. Nunca se desprende das regras do Nordeste, de Alagoas. Suas vulgaridades lhe custaram o título de prostituta de luxo, e seus modos de vida, ofenderam alguém.

Rebouças achava que Timothy, ao se negar a discutir o comportamento de Judite Haziot, mostrava-se acuado pelos preconceitos. Para começar, devia se lembrar que Judite Haziot vivia numa cidade grande, cheia de devãos, onde se praticavam todas as perdições, onde tudo é permitido (p.105).

Estamos então diante de um assassinato que corresponde a uma punição. Judite não poderia viver nessa vida de promiscuidade pois era uma alagoana e precisava honrar sua reputação. Sua morte era a condição de esquecimento de seus atos errôneos e atitudes impróprias.

Os relatos de Luiz Gutemberg provam que as mulheres em Maceió eram vítimas de opressão e tortura, estavam vitimadas a viver sobre ameaças ou morrer em tortura. Descrevendo uma briga em família, entendemos a violência doméstica explícita e como as mulheres eram vítimas silenciadas. O silêncio de morte.

Os primeiros que, atraídos pelos gritos, chegaram e bateram à porta para oferecer assistência, ouviram a voz firme do dono da casa, dispensando qualquer socorro:

-Não é nada, não é nada. Vão embora. Briga de família. Essas mulheres estão histéricas.

Os gritos desesperados continuaram por algum tempo, e o último, antes do silêncio absoluto que se seguiu, foi uma voz desesperada de mulher, pronunciando muito bem as palavras, as sílabas escandidas, sublinhadas de ódio.

-Monstro. Miserável. Eu o amaldiçoo para sempre.

A imprecisão impressionou tanto os que a ouviram que se tornou dito popular na cidade. Crianças e velhos a repetem, a qualquer pretexto, sem remissão obrigatória ao episódio que a gerou.

-Monstro. Miserável. Eu o amaldiçoo para sempre.

O dr. Medeiros lembrava-se tanto dos gritos como do testemunho do seu pai, único dos vizinhos que acorreu aos pedidos de socorro e foi admitido na casa, depois de feito silêncio total (p. 118-119).

O silenciamento da mulher perante os gritos do homem era sinal de rendição. Sabia que as regras de dominação eram severas e ela não escaparia das garras desse homem maldito. “As três mulheres estavam mortas em cômodos diferentes, duas no meio de enormes poças de sangue que escorriam pelo corredor até a sala” (p.119), a violência estava em todas as relações entre homens e mulheres. Não importava se fosse filho, marido, tio, genro, sogro, primo, patrão, vizinho, namorado. Todos estavam propensos a fazer valer suas ordens de dominação masculina.

A violência estava também no sexo. A autoridade dos homens nessa sociedade era tão grande que não havia possibilidade de que fossem desmoralizados. Eram costumes que valiam a vida do outro, ninguém poderia tirar a moral de um homem da localidade ou correria o risco de morrer. Seus familiares homens eram os primeiros a impor esses comportamentos, os homens que fossem desmoralizados em qualquer lugar, “preferia vê-lo morto” (p. 129), era melhor a um homem desmoralizado morrer. Desse modo, as mulheres morriam na tentativa de se impor e rebaixar a honra e moral do homem, um desrespeito desse, valeria a vida dessa mulher e nenhum representante de justiça local daria essa ação por crime.

Seguindo essa lógica, um ex namorado de Judite, durante seu assassinato estava na mesma cidade que ela, Rio de Janeiro. A obsessão desse homem era uma possibilidade de causa da sua morte, pois sua amiga Otília havia admitido que esse Mário era um homem cruel. “-Ele é um monstro. Eu comprovei” (p. 131), um homem agressivo, maltratava as mulheres. E Judite também foi vítima de suas agressões.

Ato contínuo, com uma rapidez que denotava a prática, desafivelou e tirou o cinturão, partindo para a moça indefesa. Sempre gritando, chicoteava-a com violência, tangendo-a como a um animal, até precipitá-la para o quintal, fechando brutalmente a porta (p. 131-132).

As agressões dele causaram transtornos a Judite, o que a fez ir ao Rio de Janeiro, pois sua ida aconteceu logo após o ato abaixo descrito:

Enquanto beijava Judite, Mário Montenegro tomou-lhe com dureza as mãos, apertando-as até que ficassem roxas. Era uma indicação de que devia desabotoar-se. Em seguida, ela a fez ficar de pé. Com impaciência e rispidez tirou-lhe o vestido, a combinação, o sutiã, as calcinhas.

Judite foi posta totalmente nua, mas continuava com os sapatos de salto alto. Mário a olhava de cima a baixo como se examinasse um manequim. Então, ajoelhou-se, tirou-lhe os sapatos e abocanhou os pés com uma sofreguidão que ainda não havia exibido. Deitado no chão, Mário chupava os dedos do pé de Judite, mordida os calcanhares e a sola, explorava com a língua as reentrâncias entre os dedos.

Por fim, levantou-se. Judite mantinha-se nua, de pé, no centro da sala, isolada como se estivesse num estado, posando como um modelo vivo.

Sempre fitando-a, os olhos vidrados, Mário Montenegro afastou-se alguns passos, deixou-se cair pesadamente numa poltrona, abriu a braguilha, retirou o pênis, muito pequeno, mas endurecido, e tomou-o entre as mãos.

Judite, interpretou o gesto como um comando e precipitou-se, ajoelhando-se. Mas, ao aproximar os lábios para iniciar a felação, levou vigorosa bofetada, desequilibrou-se e caiu. Quando levou as mãos ao rosto, ardido pela pancada, foi suspensa e de novo colocada no meio da sala, na posição anterior, de modelo posando. Numa visão retrospectiva da cena, descreveu à amiga o que sentira:

-Era como se eu fosse uma estátua, transportada por guindaste e colocada ali (p. 133).

Provamos então que a violência era um sinal da dominação dos homens, que tratavam as mulheres como objetos de exploração e satisfação pessoal, compondo um exército de submissas. Ao fugir, Judite se torna uma transgressora de suas vontades. Passa a ser o alvo de vingança por não aceitar a humilhação. A fuga de Judite para outro estado é uma confirmação de não aceitação de sua posição e uma afronta. Logo, ser humilhado era inaceitável, melhor que viesse a morte. E quem o humilhou teria que pagar.

Judite passa a ser um símbolo de exemplo para as mulheres quando morre ao transgredir. Percebamos a mulher nordestina morta ao fugir de sua realidade, uma mulher que está em condição de vulnerabilidade impositiva e degradante de ser violentada, abusada e morta e não possui sequer uma fala na narrativa. Entendamos então a postura de relato do autor em descrever em ficcionalidade possibilidades de vida nordestina e como as representações da arte possibilitam diálogos com a realidade local, perspectivas que sugerem ao leitor ressignificações, outras visões de mundo e criticidade em suas abordagens.

CONCLUSÃO

O intuito de nosso trabalho é trazer um debate em relação a vida da mulher nordestina, sertaneja e alagoana a partir de descrições do romance *O Anjo Americano*. Nossa abordagem reflete sobre práticas de imposições locais masculinas diante da mulher enquanto vítima de opressão, de modo que, não estamos ignorando as conceituações sobre a mulher no nordeste e toda a sua força, dedicação ao trabalho, resistência e luta, mas uma abordagem de outro lado da realidade.

Sabemos que em diversos relatos, a mulher de força, muitas vezes desapegada de seus maridos e família, ou juntamente com eles, viveu uma vida de luta, religiosidade, crenças em milagres, dentre tantos detalhes. Mas não podemos deixar de perceber que esse é apenas uma versão da história. Nosso olhar está concentrado em relatos literários, que também são considerados relatos históricos, visto que, a arte imita a vida, então, ao tentar criar um romance, a narrativa adquire muitas características vistas e vividas no cotidiano.

O assassinato de Judite Haziot é um caso de criação de Luiz Gutemberg pela sua facilidade em trabalhar nesse universo de investigações e crimes, visto que era um jornalista. Considerando esse ponto, o jornalismo foi um incentivo para a criação de uma personagem tão intensa e elaborada diante de detalhamentos e verossimilhança. O detalhamento de descrições essenciais para deixar o mistério ser explicado durante a narrativa, a aparição de personagens secundários durante a escrita mostra como a elaboração precisou de planejamento e detalhes reais. O que nos leva a imaginar que o fato Judite Haziot existiu, pois, sabemos que a imposição masculina em Alagoas existe e que

pode ser comprovada em outros romances de autores também alagoanos que tiveram sua terra como fonte de inspiração para a escrita de seus romances.

REFERÊNCIAS

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Pelos Sertões do Nordeste**: Coletânea/ Luitgarde Oliveira Cavalcante Barros. –Maceió: Eduneal: Imprensa Oficial, 2015.

BOMFIM, Edilma Acioli. A literatura em alagoas: um percurso lírico e histórico. In: MORAES, Maria Heloisa de. **Poesia alagoana hoje**: ensaio. Maceió: EDUFAL, 2007.

CANDIDO, Antonio. A Personagem do Romance. In: **A personagem de ficção**. Editora Perspectiva, São Paulo, 1968.

_____, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 5. ed. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

GUTEMBERG, Luiz. **O anjo Americano**: romance/ Luiz Gutemberg. –São Paulo: Companhia das Letras, 1995.